

Dossiê:
"A Pintura Barroca e suas diversas manifestações na Modernidade Atlântica".

A (re)descoberta da pintura do forro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo: de painel invisível a marco na história da arte paulista

The (re) discovery of the painting of the ceiling of the Church of the Third Order of Carmo of São Paulo: from an invisible panel to a landmark in the history of São Paulo art

Eduardo Tsutomu Murayama

Doutor em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista -UNESP

Professor do Instituto Federal de São Paulo -IFSP

eduardomurayama@yahoo.com

Recebido em: 04/08/2020 – Aceito em 31/08/2020

Resumo: O presente texto descreve o processo de (re)descoberta e restauro da chamada “pintura invisível” do padre Jesuíno do Monte Carmelo (1764-1819) na Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo. A teoria sobre a existência de uma pintura oculta na igreja carmelita foi levantada pelo crítico de arte Mário de Andrade (1893-1945), no início da década de 1940. O escritor modernista, que estudava o artista colonial para uma biografia, suspeitou que a pintura visível na porção central do forro da nave estava deslocada geometricamente em relação aos elementos arquitetônicos do templo e que a composição não condizia com os aspectos plásticos e estilísticos do sacerdote artífice. O painel de Jesuíno poderia ainda existir intacto por baixo de outras camadas de pintura acrescentadas posteriormente? O tombamento da suposta pintura invisível, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no final da década de 1990, comprovou que sim, a composição de Jesuíno ainda existia e estava em condições de ser recuperada. Finalmente, a restauração coordenada pelo historiador Carlos Cerqueira, em parceria com a equipe do restaurador Júlio Moraes, executada entre 2008 e 2012, resgatou o forro setecentista. Análises e comparações com outras obras do mesmo artista, que deixou relevantes trabalhos na cidade de Itu, também em processo de restauro, justificam porque a composição paulistana se converteu no ápice da obra do padre Jesuíno do Monte Carmelo e um marco para a história da arte paulista.

Palavras-Chaves: Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo. Pintura Colonial Paulista.

Abstract: The (re)discovery of the painting on the ceiling of the Church of Ordem Terceira do Carmo de São Paulo: of invisible panel to landmark in the São Paulo’s art history. This paper describes the process of (re)discovery and restoration of the “invisible painting” of priest Jesuíno do Monte Carmelo (1764-1819) in the Church of Ordem Terceira do Carmo de São Paulo. The theory on the existence of a hidden painting in the Carmelite church was raised by the art critic Mário de Andrade (1893-1945), in the early of the 1940s. The modernist writer, who studied the colonial artist for a biography, was suspected that the visible painting in the central portion of the ceiling it was displaced geometrically in relation to the architectural elements of the temple and the composition did not fit the stylistic and aesthetic aspects of the priest artist work. The Jesuíno panel could still be intact beneath other layers of paint added later? The preservation of the supposed invisible painting by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, in the late 1990s, proved that yes, Jesuíno composition still existed and was able to be recovered. Finally, the coordinated restoration by historian Carlos Cerqueira, in partnership with the restorative team of Julio Moraes, executed between 2008 and 2012, rescued the eighteenth century ceiling. Analyzes and comparisons with other works by the same artist, who also left relevant paintings in the city of Itu (in the restore process), justified why this paulistana composition of the priest Jesuíno do Monte Carmelo became his better work and a milestone in the São Paulo’s art history.

Keywords: Priest Jesuíno do Monte Carmelo. Church of Ordem Terceira do Carmo de São Paulo. Paulista Colonial Painting.

Dossiê:
"A Pintura Barroca e suas diversas manifestações na Modernidade Atlântica".

Introdução

A Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo e o padre Jesuíno do Monte Carmelo

Em dezembro de 1927 o Governo do Estado de São Paulo publicou um decreto desapropriando o prédio e os terrenos pertencentes ao antigo Convento do Carmo da cidade de São Paulo para a construção do Palácio do Congresso.¹ A desapropriação desse espaço, ocupado por mais de três séculos pelos frades carmelitas, fazia parte do plano de remodelação do centro histórico da capital – a exemplo do que também ocorreu em inúmeras outras cidades pelo país afora no mesmo período –, e que, no caso paulistano, visou transformar as antigas construções de taipa, muitas delas em ruínas e amontoadas em ruas estreitas e desalinhadas, nas avenidas largas e edificações de concreto de uma metrópole moderna. Nos anos que se seguiram, os frades da Ordem Primeira do Carmo abandonaram o prédio secular e se instalaram em um novo templo – no bairro paulistano da Bela Vista – construído com a indenização paga pelo governo.²

Os primeiros religiosos da Ordem do Carmo chegaram à Vila de São Paulo de Piratininga em 1592, vindo da cidade litorânea de Santos. Instalaram-se, então, num terreno localizado numa das extremidades da colina sobre a qual a cidade inicialmente tomou forma, numa esplanada próxima da ladeira que desembocava na várzea do rio Tamanduateí e uma das vias de acesso ao vilarejo.³ Ali, os frades carmelitas construíram e reconstruíram seu convento e a sua igreja em várias etapas entre o final do século XVI e o início do século XX.⁴ Por fim, a desapropriação do terreno dos religiosos, além de ceder espaço para o que atualmente é o edifício da Secretaria da Fazenda do Estado, também serviu para a abertura e ampliação de uma importante via de ligação entre o centro e as demais regiões da cidade, a Avenida Rangel Pestana.

Além do convento e da igreja da Ordem Primeira, fazia parte do chamado "Conjunto do Carmo", naqueles séculos de formação da capital, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Esta se situava exatamente contígua e alinhada ao convento e à igreja dos frades. Não se sabe exatamente quando os irmãos terceiros carmelitas de São Paulo construíram sua própria capela, embora alguns historiadores indiquem os possíveis anos de 1632, 1648, 1676, 1691 ou ainda 1697.⁵ Milagrosamente, a Capela de Santa Teresa da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo da cidade de São Paulo, nome oficial do templo dos irmãos terceiros carmelitas, sobreviveu à perda dos edifícios adjacentes, ficando o seu entorno totalmente descaracterizado. Todavia, apesar das reformas e remodelações ocorridas em seu interior ao longo dos anos, uma composição do final do século XVIII ficou escondida e pôde ser recuperada. E a relevância desse resgate é ainda maior se pensarmos na destruição das pinturas que ornamentavam a igreja da Ordem Primeira.

Nesse panorama de demolições que arrasou os quarteirões do centro da cidade, se perdeu o primeiro trabalho executado em São Paulo pelo artista Jesuíno Francisco de Paula Gusmão (1764-1819), mais conhecido pelo nome que adotou quando assumiu a vida religiosa, padre Jesuíno do Monte Carmelo. Tratava-se,

¹ Decreto-Lei do Governo do Estado de São Paulo nº 4319, de 16 de dezembro de 1927.

² A indenização paga pelo Governo do Estado foi de 4.260.000\$000 réis, de acordo com o Decreto-Lei nº 4405, de 13 de abril de 1928 e Decreto-Lei nº 4566, de 01 de março de 1929. Com esse valor os frades carmelitas compraram uma chácara na região da Bela Vista e lá construíram um novo convento e igreja em estilo "neocolonial", projeto de Georg Przyrembel, inaugurado em 1934. Peças de imaginária, alfaias e alguns dos altares do período colonial da antiga igreja demolida foram desmontados e remontados na nova igreja. Atualmente é conhecida como Basílica de Nossa Senhora do Carmo.

³ O terreno onde se assentou o Conjunto do Carmo foi doação do governante da Capitania de São Vicente, Brás Cubas. ARROYO, Leonardo. Igrejas de São Paulo: introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966, p. 60.

⁴ Uma grande reforma executada no convento e igreja dos frades é citada em carta de Dom Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, governador geral da Capitania de São Paulo, para o Marquês de Pombal, então Conde de Oeiras, datada de 10 de dezembro de 1766: "(...) os mais suntuosos e melhores são a Sé, este colégio que foi dos Jesuítas, especialmente o seminário em que estou aquarelado, a Igreja do Carmo, e seu convento que se está reedificando, a de São Bento, que não está acabado, e o de São Francisco que é antigo, e o pretendem reformar; há mais um recolhimento de mulheres coisa limitada (...)". TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Cosac & Naify, Duas Cidades, 2004, p. 11.

⁵ Todavia, é fato que a construção original era do século XVII, não mais existente. Já o interior foi remodelado diversas vezes entre o século XVIII e o início do XX. As fachadas frontal e lateral são, basicamente, de uma reforma realizada na metade da década de 1920. Cf. MONTEIRO, Raul Leme. Carmo: patrimônio da história, arte e fé. São Paulo, 1978.

Dossiê:
"A Pintura Barroca e suas diversas manifestações na Modernidade Atlântica".

justamente, da pintura localizada no forro da igreja dos frades carmelitas, executada possivelmente entre 1794 e 1795. Não se conhece nenhum registro fotográfico ou descrição detalhada da pintura que foi destruída. O atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) seria criado apenas ao final da década de 1930, ou seja, lamentavelmente, por uma questão de poucos anos entre a demolição do convento e da igreja da Ordem Primeira (a partir de 1928) e o tombamento dos primeiros bens pelo órgão federal, parte da obra pictórica do padre Jesuíno não sobreviveu.⁶

Quanto à curiosa figura do padre Jesuíno do Monte Carmelo, sabe-se que era natural da cidade litorânea de Santos⁷, mas que passou a maior parte da sua vida na cidade de Itu. Foi dourador, pintor de tetos de igreja, encarnador de imagens de santos, músico e arquiteto. Não se sabe com quem aprendeu o ofício de pintor – por isso é considerado um artista autodidata – mas enquanto esteve na cidade de Itu trabalhou com o pintor José Patrício da Silva Manso (1740-1801), renomado artista paulista dos setecentos e considerado seu suposto mentor. Em parceria, pintaram painéis decorativos para a capela-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária, na década de 1780.⁸ Jesuíno também realizou as pinturas da Igreja do Carmo dessa cidade, o que teria lhe rendido o convite para pintar o teto das igrejas carmelitas de São Paulo, a partir de 1794. Por conta de sua piedosa devoção à Nossa Senhora do Carmo, enquanto esteve em São Paulo, já viúvo, Jesuíno resolveu consagrar-se à vida religiosa. Estudou enquanto exercia suas atividades de pintura e em 1798 foi ordenado sacerdote. Retornou para Itu e lá permaneceu até o fim da vida, onde se dedicou a construir e a decorar, com o auxílio dos filhos, a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio.

A teoria da pintura invisível do padre Jesuíno do Monte Carmelo e sua (re)descoberta

Enquanto esteve em São Paulo, o padre Jesuíno do Monte Carmelo realizou três trabalhos de pintura: (1) entre 1794 e 1795 a pintura do teto da Igreja da Ordem Primeira do Carmo – obra perdida; (2) entre 1795 e 1796 as pinturas decorativas da capela do Recolhimento de Santa Teresa – também demolido, no final da década de 1910⁹ e (3) entre 1796 e 1798 a pintura do teto da Igreja da Ordem Terceira do Carmo.

Foi a terceira obra executada por Jesuíno em São Paulo, o forro da nave da capela dos irmãos terceiros do Carmo, que chamou a atenção de um dos principais intelectuais brasileiros do século XX, Mário de Andrade (1893-1945). É graças ao olhar crítico e perspicaz do escritor modernista que se deve a “redescoberta” e a recuperação desta que pode ser considerada a obra-prima do padre Jesuíno e a mais bela pintura de teto de igreja colonial da cidade de São Paulo. Inclusive, Mário de Andrade já considerava Jesuíno “o maior representante do barroco paulista”.

Ao final da década de 1930, enquanto inventariava os monumentos do estado de São Paulo que mereciam ser tombados pelo recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), Mário de Andrade, como assistente técnico da 6ª Região do SPHAN, visitou a Igreja da Ordem Terceira do Carmo e

⁶No âmbito das pinturas de forro das igrejas setecentistas paulistas, apenas poucos exemplares chegaram até nós intactos – as igrejas das Ordens Terceiras (do Carmo e de São Francisco), a Igreja da Ordem de São Francisco, da Irmandade da Boa Morte e do Convento da Luz, e vale ressaltar que nenhuma delas dentro da perspectiva arquitetônica de quadratura, no estilo sottinsù. Nos tetos das igrejas paulistas do século XVIII parece ter prevalecido a perspectiva aérea à maneira veneziana, com figuras esvoaçantes na parte central – a Virgem, Cristo, Santíssima Trindade – observadas por proissões de santos, mártires e fiéis presos aos entablamentos. E embora no estado de São Paulo tenham sido preservados alguns exemplares da pintura de forros de período anterior às pinturas ilusionistas, como os forros ornamentais – os grotescos de arabescos florais da Capela de Santo Antônio (1681), em São Roque, e de outros tetos em caixotão, o único exemplar de pintura em perspectiva arquitetônica é o da Igreja do Carmo de Mogi das Cruzes (1802), de Manoel do Sacramento. TIRAPELI, Percival (org.). *Arte Sacra Colonial: barroco memória viva*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, UNESP, 2005, p. 24.

⁷Nasceu em 25 de março de 1764, filho e neto de escravas forras. Casouse, em 23 de dezembro de 1784, com Maria Francisca de Godói, com quem teve os filhos: Maria, Elias, Eliseu e Simão Stock. Ficou viúvo em abril de 1793. Faleceu em 01 de julho de 1819, em Itu.

⁸Cf. CERQUEIRA, Carlos Gutierrez. José Patrício da Silva Manso (1740-1801): um pintor colonial paulista restaurado. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2007 e ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. O mestre pintor José Patrício da Silva Manso e a pintura paulista dos setecentos. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. Atualmente, a Igreja Matriz da Candelária de Itu passa por restauro, uma vez que nas paredes da capela-mor, entre os quadros da vida de Maria e da vida de Jesus, de autoria de Jesuíno Francisco, foram encontradas pinturas, com cenas do antigo testamento, supostamente de autoria do artista santista e imitando, em painéis de madeira, os barrados e recortes de azulejos presentes em algumas igrejas do período colonial.

⁹O Recolhimento de Santa Teresa foi o primeiro convento feminino da cidade, fundado em 1685. As freiras haviam se transferido para outro edifício em 1913 e em 1918 o antigo convento abandonado foi demolido para a expansão da Praça da Sé e a construção da nova Catedral. Antes da demolição, porém, foram retirados 29 painéis que ornavam as paredes e o teto da capela das noviças, representando cenas da vida e dos êxtases de Santa Teresa de Ávila, religiosa espanhola do século XVI e reformadora da Ordem das Carmelitas Descalças, todos estes atribuídos a Jesuíno Francisco. Inicialmente, fizeram parte do Museu da Cúria, antes de serem doados, em março de 1924, pelo Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, para a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, onde decoram atualmente um corredor lateral. Dez desses painéis fazem parte do acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo. Cf. CERQUEIRA, Carlos Gutierrez. A pintura “invisível” de Jesuíno. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2009.

Dossiê:
"A Pintura Barroca e suas diversas manifestações na Modernidade Atlântica".

se deparou a pintura do padre Jesuíno. Todavia, tendo já observado, fotografado e analisado a obra de Jesuíno em Itu, o crítico de arte desconfiou que o painel paulistano, embora tivesse a autoria atribuída ao religioso, não condizia com o estilo do artista.

No início da década de 1940, Mário de Andrade recebeu do diretor do SPHAN, Rodrigo Mello Franco de Andrade, a incumbência de escrever uma biografia sobre o Jesuíno – tarefa que consumiu os últimos anos de vida do escritor – e que lhe permitiu aprofundar suas análises plásticas, técnicas e estilísticas do desenho e da pintura de Jesuíno e possivelmente verificar se o forro paulistano poderia ou não ser atribuído ao padre artista. Assim nasceu a teoria da “pintura invisível” do padre Jesuíno.¹⁰

A teoria da “pintura invisível” levantava a suspeita de que a parte central da composição do forro da capela dos terceiros carmelitas, visível para os contemporâneos de Mário de Andrade naquele início da década de 1940, poderia não ser de autoria de Jesuíno Francisco. A pintura representando Nossa Senhora do Carmo não estava geometricamente centralizada, a cabeça da Virgem quase tocava um dos arcos decorativos que dividiam a nave. Provavelmente aquela pintura não era de Jesuíno. Os traços do desenho, a forma do rosto, o drapeado das vestes, o fundo de nuvens, tudo aquilo não condizia com o estilo do artista que o crítico então estudava. Aparentemente, as figuras pintadas nas laterais, no entablamento (santos, beatos, mártires e dignitários da Igreja), estes sim possuíam o estilo de Jesuíno. Mário de Andrade deveria ter se perguntado, levando-se em conta a suposta existência dos arcos decorativos no final do século XVIII, como um artista – mesmo que autodidata – como Jesuíno, extremamente devoto da Virgem do Carmelo, não centralizaria a figura mais importante de sua devoção no espaço disponível? Provavelmente aquele painel central não era de autoria do religioso. Mas, será que o pintor que havia executado aquela repintura havia apenas retocado a composição original ou havia criado uma nova composição? O que Jesuíno havia pintado em 1796-98? O que teria acontecido com a pintura de Jesuíno para que a tivessem substituído?

Restava saber se a porção central do forro com a pintura de Jesuíno ainda existia, se poderia estar por baixo de inúmeras camadas de repintura adicionadas posteriormente. Infelizmente, para Mário de Andrade, naquele momento, também não havia meios técnicos ou profissionais habilitados para se descobrir válida ou não a teoria que lançava.¹¹ Havia ainda a informação não comprovada de que, por conta do escurecimento da pintura de Jesuíno, em algum momento entre o final do século XIX e início do século XX, o pintor acadêmico Pedro Alexandrino, ainda moço, antes de seus estudos na Europa, teria sido contratado pelos carmelitas para retocar ou cobrir a pintura do padre artista.¹²

O historiador Carlos Cerqueira, do IPHAN, a partir dos relatórios de Mário de Andrade e de outros pesquisadores, refez a cronologia das intervenções pelas quais a Igreja da Ordem Terceira do Carmo passou desde o término das pinturas de Jesuíno, em 1798, e levantou que na década de 1920 o arquiteto Ricardo Severo coordenou uma grande reforma na igreja, onde os arcos decorativos que deixavam a imagem de Nossa Senhora do Carmo deslocada no centro do forro teriam sido recolocados, pois se acreditava que faziam parte da configuração original do teto

¹⁰A biografia do padre Jesuíno do Monte Carmelo foi a última obra de Mário de Andrade, que morreu antes da publicação do livro, em 1945. A obra converteu-se na principal fonte de pesquisa e referência sobre o padre artista, o primeiro grande estudo realizado sobre um artífice do período colonial sob orientação do SPHAN. Para a confecção da monografia, Mário de Andrade entregou-se intensa e exaustivamente à pesquisa e à composição psicológica de Jesuíno, como atestam as inúmeras cartas, telegramas e relatórios trocados com seus superiores, colegas e amigos, onde descrevia em detalhes as dúvidas, os avanços e as descobertas que fazia. Muitas dessas correspondências foram publicadas, permitindo-se recriar os caminhos que levaram à formulação da teoria da pintura invisível de Jesuíno. Cf. ANDRADE, Mário de. Mário de Andrade: cartas de trabalho, correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Fundação Pró-Memória, 1981; e ANDRADE, Mário de. Padre Jesuíno do Monte Carmelo. São Paulo: Martins Fontes, 1963.

¹¹Grande parte das informações aqui apresentadas foi reunida pelo historiador Carlos Gutierrez Cerqueira, da 9ª Superintendência do IPHAN de São Paulo, a quem sou extremamente grato por ter compartilhado suas pesquisas e relatórios. Cerqueira foi o responsável pela inclusão, no processo de tombamento pelo IPHAN, das pinturas do padre Jesuíno na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, inclusive da pintura invisível do forro, caso essa viesse a ser recuperada.

¹²ANDRADE, Mário de. Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Op. cit., p. 166.

Dossiê:
“A Pintura Barroca e suas diversas manifestações na Modernidade Atlântica”.

concebido no final do século XVIII (em abóbada de berço, segmentado em três partes). Para completar, na década de 1950, após a morte de Mário de Andrade e mesmo com a divulgação da teoria da pintura invisível, um pintor desconhecido foi chamado pelos carmelitas para retocar a suposta pintura de Pedro Alexandrino, o que acabou por descaracterizá-la total e grosseiramente (Figura 1). Nos anos seguintes, acreditando-se na existência da pintura invisível de Jesuíno, trabalhos de prospecção foram realizados a pedido do IPHAN, coordenados por Edson Mota na década de 1960. O resultado não poderia ser mais positivo: por baixo das inúmeras camadas de repintura, havia uma camada que provavelmente se tratava da composição do padre Jesuíno e que esta se encontrava em ótimo estado de conservação e chances de ser recuperada. Com essa confirmação, o IPHAN tombou a pintura invisível do padre Jesuíno na Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo em 1996.¹³



Figura 1: Detalhe da parte central do forro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, com os arcos segmentadores e a imagem da Virgem deslocada, antes do restauro de 2008. Foto: Eduardo Murayama

Finalmente, em 2008, o IPHAN divulgou oficialmente o resultado da primeira fase dos trabalhos de restauro da pintura invisível do padre Jesuíno do Monte Carmelo na Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo. A descoberta foi coordenada por Carlos Cerqueira, por meio dos projetos “*A Pintura Invisível do Padre Jesuíno do Monte Carmelo: Resgate de uma Pintura Colonial Paulista*” e “*Pintura Invisível do Forro da Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de São Paulo: do ventre da Virgem do século XX renasce a Nossa Senhora do Carmo pintada pelo padre Jesuíno do Monte Carmelo*”.¹⁴ A parte técnica do restauro – prospecções, decapagens, limpezas, reintegrações cromáticas e aplicação de camadas de proteção – ficou a cargo da equipe do restaurador Júlio Moraes.¹⁵

A primeira fase do restauro recuperou uma pequena área de pouco mais de 12 m² (Figura 2), exatamente no centro geométrico da nave e o resultado foi surpreendente. Realmente, a figura de Nossa Senhora do Carmo, aquela pintada por Jesuíno, estava localizada na porção central entre os arcos segmentadores, conforme havia intuído Mário de Andrade. A qualidade plástica e estética da compo-

¹³ Processo de Tombamento nº 1176-T-85 (1996).

¹⁴ Recompensa justa para o historiador que dedicou anos de pesquisa ao Carmo, Jesuíno e Mário de Andrade.

¹⁵ A equipe de Júlio Moraes já havia restaurado, em 2007, um painel da sacristia da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, de autoria de José Patrício da Silva Manso: Nossa Senhora com o Menino e Santa Teresa, considerado um dos mais belos quadros sacros da pintura paulistana. Expresso aqui também minha gratidão ao restaurador Júlio Moraes, que compartilhou comigo suas pesquisas, relatórios e fotografias sobre as etapas do processo de restauro da pintura invisível de Jesuíno.

Dossiê:
"A Pintura Barroca e suas diversas manifestações na Modernidade Atlântica".

sição de Jesuíno mostrou-se muito superior às pinturas das camadas posteriores, e condizente com o estilo das figuras laterais do forro. A euforia dessa descoberta ajudou a desmistificar a ideia simplista de que não existia pintura sacra – principalmente pinturas de forro – de fôlego nos templos do pacato vilarejo de São Paulo no período colonial.



Figura 2: Resultado da primeira fase do restauro - recuperação do painel central de Jesuíno do Monte Carmelo na Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, 2008. Foto: Eduardo Murayama

A partir de 2009, o IPHAN investiu na retirada por completo das camadas de pintura sobrepostas do teto da nave, da capela-mor e do coro do templo dos terceiros carmelitas da capital, para restituir a obra do padre Jesuíno em sua integralidade. Esse trabalho perdurou até o primeiro semestre de 2012. Nesse meio tempo descobriu-se, por exemplo, que os arcos segmentadores, colocados na nave por Ricardo Severo na reforma da década de 1920, nunca fizeram parte da configuração original do forro no século XVIII. Por baixo deles havia pinturas de Santo Elias e Santo Eliseu prostrados diante da Virgem do Carmo (Figuras 3).



Figura 3: Vista da nave da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo após a finalização do restauro completo das pinturas do padre Jesuíno do Monte Carmelo, 2012. Foto: Eduardo Murayama

Dossiê:
"A Pintura Barroca e suas diversas manifestações na Modernidade Atlântica".

Desse modo, com a finalização dos trabalhos de restauro, o IPHAN restituiu à cidade de São Paulo uma magnífica obra de arte de qualidade técnica e requinte estético sem par na produção artística da capital no período colonial. Uma pintura considerada invisível, mas que graças à visão crítica de Mário de Andrade, pode agora ser apreciada em todo o seu esplendor e frescor barroco (Figura 4).



Figura 4: Detalhe de Nossa Senhora do Carmo, de padre Jesuíno do Monte Carmelo, após conclusão do restauro de 2012.
Foto: Eduardo Murayama